

Editorial

Cognitio: Revista de Filosofia, brasileira e internacional, que alia excelência e ousadia, rigor e aventura, no espírito do pragmatismo, é hoje uma das mais destacadas publicações na sua área, no Brasil e no mundo, para os que fazem filosofia com essa inspiração: de filósofos consagrados a jovens pesquisadores empenhados, do Novo e do Velho Continente, do Sul e do Norte. Com efeito, sob a liderança ecumênica de Ivo Ibri, **Cognitio** integra um verdadeiro polo de produção de filosofia, que inclui o Centro de Estudos de Pragmatismo, da PUC-SP, seus Encontros Internacionais sobre Pragmatismo e o GT Semiótica e Pragmatismo, em associação ao GT Poética Pragmática. Como parte de uma dinâmica de pesquisa, interlocução e elaboração, que inclui vivas apresentações, réplicas, debates e painéis, dos quais filósofos brasileiros e de outros países podem participar em pé de igualdade, e que se refletem e desdobram com a mesma vivacidade nas suas páginas.

Neste primeiro número de 2020, em diálogo com Peirce, Dewey, James e Rorty, também com Wittgenstein, Hume, Aristóteles, Emerson e Fukuzawa Yukichi, **Cognitio** reitera o foco pragmatista não dualista, não dogmático, em práticas e processos, a propósito de significação, crenças, agência, mudança e criação. Transitando por assuntos de sua vocação como a reconstrução da filosofia, enquanto inovadora com relação à tradição, contígua com a experiência comum e melhorista com respeito à convivência humana. Passando também por nossa construção de nós mesmos, para além de cartesianismos, biologismos e tradicionalismos, junto com nossa relação com o outro. Por fim, tomando destacadamente signos e produção de significação, em sua complexidade e riqueza, no entrelaçamento semiótico entre crenças e efeitos no mundo.

Douglas Anderson abre o número com a proposta de uma *Filosofia sem fronteiras*, sem arrogância nem dogmatismo, com interesse pelos modos de investigação de outras disciplinas, também pela conversação com a história das ideias com vistas a novas direções de pensamento, e pela travessia de fronteiras culturais.

Robert Innis, em *Sobre as verdades vividas das atmosferas: as qualidades de contextos existenciais*, endossa a ideia de Dewey de que a desconsideração de contextos é um desastre para o pensamento filosófico, mas também, ele acrescenta, para o pensamento e a vida em geral. Contextos, particulares e múltiplos, têm uma profunda força existencial que conforma nossos modos de sentir, nossos padrões de ação, de compreensão e autocompreensão, com os quais nos descrevemos e ao mundo, e sobre os quais devemos apesar de tudo, em sua diferença, nos entender.

Rosa Calcaterra trata de *Conhecimento de si e reconhecimento dos outros* em diálogo com o neo-pragmatista Richard Rorty, cujo modelo narrativo do eu, avesso ao introspectivismo cartesiano e aos reducionismos psicobiológicos, da ciência natural, ela alinha à posição humeana sobre a contingência do *self*. Rosa se estende ainda sobre as noções, centrais no pensamento de Richard Rorty, de ironia, de alcance autocrítico e antidogmático, e de solidariedade, de alcance moral e epistemológico.

David Dilworth, em *Destino e condicionalidade*, cruza os pragmatismos melhorativos de Ralph Waldo Emerson e Fukuzawa Yukichi, pondo-os em relação com seus respectivos mundos da vida, hermeneuticamente interpretados, e em

relação entre si, enquanto ambos divisam possibilidades meritocráticas para uma modernidade pós-feudal e pós-patriarcal.

Roberta Dreon trata de *James sobre o fluxo da linguagem, com alguns comentários sobre sua influência em Wittgenstein*, acompanhando a passagem da ideia jamesiana do pensamento como corrente, um contínuo, para uma ideia análoga de linguagem. Uma ideia de linguagem também focada em seus aspectos contínuos, relacionais, transitivos, mais do que em seus elementos substantivos, como soma de partes discretas. Com isso Roberta corrobora a ideia de que o *Princípios de Psicologia*, de William James teve significativa influência sobre as concepções de Wittgenstein.

Michael Raposa, em *Leitura pragmática: uma resposta tardia a Peter Ochs*, ocupa-se de duas perspectivas práticas, a do pragmatismo rabínico e a sua, da teossemiótica como a teologia filosófica de Peirce bem entendida; duas perspectivas que, mesmo com avaliações diferentes, enfatizam a importância das práticas de leitura e releitura.

Javier Clavere apresenta *A multidimensionalidade da semiose* como desenvolvimento de uma conversa anterior sobre antroposseiose, que agora passa da noção de multimodalidade para a de multidimensionalidade, na qual múltiplas modalidades fazem parte de um sistema mais amplo, holístico, simbiótico, de significação.

Farouk Seif, em *O papel do pragmatismo no De-sign*, toma este neologismo para significar o entrelaçamento entre um fazer/transformar a realidade (*design*) e um pensar/significar/interpretar a mesma, compondo um movimento livre e desafiador, que envolve nossas crenças em paradoxos, ambiguidades e incertezas, que nos cobram um empenho de perseverança para o desenvolvimento da ação. A máxima e o experimentalismo do pragmatismo ajustariam a congruência de nossos processos intencionais de pensamento e de ação fazedora, criadora, como ato agapástico que participa da criação divina.

Alessandro Topa, em *Instinto gráfico: o relato do instinto gráfico*, depois de consultar Peirce (que por sua vez consulta Aristóteles) para conceber a retórica, enquanto faculdade de tornar signos eficazes, como *dynamis* (potência, capacidade) dotada de uma *entelechia* (fim), vê agora, ademais, a retórica, corroborativamente, como um “instinto gráfico” enraizado em nossa disposição de expressar ideias na ação e na imaginação. Alessandro enquadra a retórica – como prática, *techné*, e como parte do nosso modo comunal, razoável, de estar no mundo – em relação às ciências práticas, e às ciências normativas de Peirce, emancipatórias e aperfeiçoadoras da vida social e política.

Donna West, em *Perfectividade no interpretante energético de Peirce*, entende que tal interpretante, que produz efeitos práticos, facilita a elevação de consciência entre dois usuários de signos, por forçar a atenção e a progressão da ação, implicando em conscientemente inibir ou resistir a uma força. O que pode destruir crenças e ações anteriores, e ensejar, para um ou ambos interlocutores, uma mudança de hábito, evidenciando sua perfectividade, exercida por esforços particulares.

Concluindo esse número de **Cognitio**, temos ainda uma tradução do *Somos autômatos?* de William James, por Arthur Araújo, e uma resenha do *John Dewey: uma estética de este mundo*, de Arenas, del Castillo e Faerna, por Laura Haubert, Fábio Campeotto e Claudio Viale.

Aos nossos leitores, desejamos vivamente que tudo isso possa nutrir e mobilizar seus empenhos de pensamento no campo aberto pelo pragmatismo, como subsídio às suas próprias produções nos parâmetros dessa tradição e no desenvolvimento e renovação da mesma. Com disposição tanto comunal, de interlocução, dialógica e discutidora, quanto pessoal, autônoma, de criação.

José Crisóstomo de Souza

Professor de Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA
GT Semiótica e Pragmatismo & GT Poética Pragmática – Anpof